

MULHERES ADOLESCENTES DE CLASSE POPULARES: A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE*

Nara Maria Guazzeli Bernardes

Professora dos cursos de Pós-Graduação em Educação
e do Mestrado em Psicologia da PUCRS

Ana Maria Hecker Luz

Professora da Escola de Enfermagem da UFRGS

Livre Docente em Enfermagem

Doutoranda em Educação da PUCRS

Esta pesquisa propõe-se a compreender aspectos da experiência de ser mãe na adolescência, em uma perspectiva psicossocial que busca articular vivências e significações subjetivas com condições de classe social e de gênero. Por meio de uma análise compreensiva de base fenomenológica, foram obtidos e analisados os depoimentos de nove mães adolescentes de classes populares, com idade entre 14 e 19 anos, as quais mantiveram a criança consigo e cuja vivência da maternidade vinha se dando há mais de dois anos. A experiência de ser mãe se constitui de prazer e sofrimento na gravidez e na maternidade, do desafio de assumir novos papéis, da posição assumida pelo pai da criança, da possibilidade de contar com uma rede de apoio e de mudanças interpessoais.

INTRODUÇÃO

A maternidade na adolescência vem sendo objeto de estudo de pesquisadoras(es)¹ de diversas áreas (Psicologia, Educação, Saúde) devido à extensão de sua ocorrência e à complexidade de problemas que envolve. No Brasil, o alto índice de gravidez na adolescência é fato conhecido e debatido em encontros científicos. No Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, uma análise das condições reprodutivas de mulheres, realizada em uma comunidade periférica de Porto Alegre, mostrou que 57,9% das mães havia tido seu primeiro filho na adolescência. Este fenô-

* Trabalho realizado com apoio de FAPERGS, CNPq, PUCRS e UFRGS, apresentado no XXIV Congresso Interamericano de Psicologia, Santiago, Chile, 4-9 de julho de 1993.

¹ Essa forma de nos expressarmos significa o questionamento da norma que define o gênero masculino como o universal e impede a visibilidade do gênero feminino. Ao invés de nomearmos "os pesquisadores" apenas, assinalamos que se trata de homens pesquisadores e mulheres pesquisadora.

| | | | | | |
|----------|--------------|-----------|-------|------|-----------|
| Educação | Porto Alegre | ano XVIII | nº 28 | 1995 | p. 83-101 |
|----------|--------------|-----------|-------|------|-----------|

mieno vem preocupando os(as) profissionais que se envolvem com o atendimento dessas jovens devido às possibilidades de transtornos múltiplos que surgem como conseqüência da manutenção ou da interrupção da gestação. A manutenção da gravidez, em nosso País, associa-se significativamente à classe social, como verificado por Pinto Neto et al. (1991) em pesquisa sobre aborto na adolescência. Índices de 9% de abortos em adolescentes que foram atendidas em postos de saúde contra 80% daquelas que foram atendidas em clínica privada comprovam que o ônus da gravidez indesejada recai sobre jovens mulheres que não possuem recursos econômicos e financeiros.

A pesquisa na qual este trabalho se insere se propôs a ampliar e aprofundar a compreensão da experiência de ser mãe na adolescência, a partir dos depoimentos de quem vive esta situação. O presente trabalho, portanto, problematiza aspectos dessa experiência em uma perspectiva psicossocial que busca entender vivências e significações subjetivas na sua articulação com condições objetivas de classe social e gênero.

A classificação cronológica por nós adotada é a da World Health Organization (1975), que define adolescência como o período compreendido entre os dez e os vinte anos incompletos.

Os sujeitos são nove adolescentes de classes populares² que vivem em um grande centro urbano no sul do Brasil e cujas idades, por ocasião do parto, eram: uma com 14 anos (Beatriz), uma com 16 anos (Clarice), uma com 17 anos (Aline), cinco com 18 anos (Fernanda, Gabriela, Heloisa, Irene, Daniela) e uma com 19 anos (Eva). Situam-se, portanto, nos limites considerados pela World Health Organization (1975) como critério para qualificar mães adolescentes. Todas eram primíparas, em decorrência da primeira gestação. *Beatriz* e *Daniela*, contudo, foram mães pela segunda vez, apesar de terem se tornado sujeitos da pesquisa por ocasião do primeiro parto, e *Heloisa*, embora primípara, havia tido três gestações.

Essas adolescentes foram sujeitos de uma pesquisa, anteriormente realizada por Santos et al. (1987), sobre sentimentos e atitudes de mães adolescentes, cuja coleta de dados havia sido efetuada por ocasião do parto na maternidade de um hospital-escola.

Os depoimentos para o presente estudo foram obtidos em 1989, no período de 25 a 34 meses após o parto, por meio de entrevistas realizadas na própria moradia dos sujeitos. Os dados foram tratados conforme

2 Entendemos por classes populares "aquelas que vivem uma condição de exploração e de dominação no capitalismo sob suas múltiplas formas, nos planos social, político e econômico (...) entendidas no plural, compreendendo o operariado industrial, a classe trabalhadora em geral, os desempregados e subempregados, os indígenas, os funcionários, os profissionais e alguns setores da pequena burguesia". (Wanderley, 1980, p. 63)

procedimentos de uma análise compreensiva de base fenomenológica. (Bernardes, 1991)

Este estudo focaliza a experiência de mães adolescentes que mantiveram a criança consigo e cuja vivência da maternidade vinha se dando há mais de dois anos.

Para compreender aspectos dessa experiência, nossa análise e reflexão foi sistematizada nos seguintes constituintes: impacto da constatação da gravidez, transcurso da gestação, prazer e sofrimento da maternidade, novos papéis e responsabilidades, posição do pai da criança, rede de apoio e mudanças nas relações interpessoais.

Impacto da constatação da gravidez

A notícia da gravidez significou um impacto na vida da adolescente e foi experienciada por algumas com sentimentos predominantes de prazer (*Aline, Daniela, Gabriela, Irene*); por outras, com sentimentos ambivalentes de prazer e sofrimento (*Clarice, Fernanda, Heloisa*). Outras, ainda, vivenciaram o sofrimento de modo mais acentuado (*Eva, Beatriz*). O prazer se traduziu em sentimentos de alegria ou de poder, enquanto o sofrimento se manifestou de múltiplas formas, através de medo, insegurança, preocupação, agitação, solidão, abandono e constrangimento.

"Eu queria filhos, sim. Antes de ficar grávida, eu só falava nisso." (*Aline*)

"Na época que soube da notícia, no começo foi um choque, mas depois a gente vai se acostumando com a idéia de filho." (*Irene*)

O impacto da confirmação da gravidez parece ter sido vivido mais intensamente pelas mulheres adolescentes, embora, nesse momento, a convivência com o pai da criança fosse muito próxima. Tal impacto decorreu, principalmente, do fato de a maioria das adolescentes (sete) serem solteiras por ocasião da constatação da gravidez e, em consequência, sofrerem pressões e censura da família, do pai da criança, de seus pares e dos adultos da escola. Sua união conjugal ou seu casamento se deu, apenas, em função da gravidez. Este fato parece ser comum, conforme explicita Maldonado (1989, p. 22): "Não raro a gravidez na adolescência antecipa o casamento que só deveria acontecer anos depois."

A incerteza quanto à reação do namorado e dos familiares ao tomarem conhecimento de sua gravidez provocou muito temor em *Beatriz*. Apesar da aceitação mais imediata da mãe e do apoio posterior recebido do namorado (apesar de preocupado, assumiu a paternidade), ela encontrou maiores dificuldades de aceitação por parte do pai.

Embora seu pai e sua mãe tenham aceito a gravidez de imediato, o temor de *Eva* em relação à reação desfavorável do namorado se confirmou, pois ele se afastou dela quando foi informado.

"Fui abandonada pelo pai do meu filho, logo que ele soube que estava grávida. Tu não imaginas o que a gente sente quando se é abandonada. Fui abandonada principalmente quando eu necessitava de mais atenção e carinho." (*Eva*)

Para *Eva*, a experiência foi muito dolorosa, acompanhada de tristeza e dor, devido ao fato de ele não ter ficado junto a ela e ao filho, justamente num momento como a gravidez em que, segundo sua percepção, a mulher necessita de muito carinho e atenção. Esta vivência de abandono marcou-a profundamente como sendo algo "inexplicável" e "inimaginável". Apesar de, atualmente, estar tentando reatar relações de amizade com ela, *Eva* afirma que ele não manifesta interesse pelo filho.

Embora o sentimento inicial tenha sido prazeroso devido ao fato de interpretar sua gravidez como um ato de independência diante de sua mãe, a censura inicial desta e a reação de surpresa e negação da paternidade por parte do namorado fizeram com que *Heloisa* experimentasse solidão e depressão no início da gestação.

"Eu tinha muita briga em casa, muita com minha mãe, era só nós duas, mas era demais. Ela não deixava eu sair, meu namoro tinha que ser dentro de casa. Aí, quando eu consegui sair, aí a primeira coisa, eu transei. Aí eu engravidei e pensei agora vou poder sair de casa. Então foi horrível, horrível." (*Heloisa*)

Para essas adolescentes e seus companheiros, a gravidez não foi um ato deliberadamente planejado. Quando cogitada pela adolescente solteira, a gravidez se destinava a resolver conflitos (relação com a mãe, busca de atenção do companheiro, auto-estima, construção da identidade de gênero) mais do que ao desejo genuíno de gerar e cuidar de uma criança.

Transcurso da gestação

Manter uma gestação, na condição de solteira e dependente da família de origem (sua ou do companheiro), representou uma vivência qualificada mais como de sofrimento do que de prazer. Em alguns casos, este significado pôde ser transformado na medida em que a adolescente recebeu apoio de pessoas significativas, como os familiares e o pai da criança.

"Minha sorte é que tenho a companhia dos meus pais que me ajudam muito. Se não fosse a ajuda deles, não sei o que seria de mim." (Eva)

Os sentimentos de sofrimento foram gerados por situações relativas a diversas esferas que constituem sua experiência vivida: *da família* (censura e conflitos no relacionamento, particularmente, com a mãe e o pai; dependência econômico-financeira da família de origem); *da sociedade* (constrangimento e pressão social); *do grupo de pares* (conflitos na relação com amigas); *da escola* (abandono da escola); *do trabalho* (abandono do trabalho); *do projeto de vida* (inviabilização dos anseios de realização pessoal); *do corpo* (modificações no corpo físico vivido e significado, auto-imagem).

"Na primeira gestação, senti muita pressão por ser mãe jovem. Na gravidez, todos que passavam por mim, comentavam um com os outros e olhavam para trás para me ver." (Beatriz)

Para *Eva*, a gravidez ocorreu em momento inoportuno, pois seus interesses não estavam dirigidos para a constituição de uma família. Mesmo para *Aline e Daniela*, que eram casadas, ter um filho fazia parte dos planos do casal para o futuro, mas não para o momento em que engravidaram.

Uma das manifestações mais evidentes do sofrimento vivido pela maioria das adolescentes foi o desconforto intenso e até a hostilidade a que foram submetidas no ambiente escolar, percebido como muito repressivo, tanto no que diz respeito à conduta dos adultos como a das próprias colegas. Isto as excluiu da escola ou impeliu, explícita ou implicitamente, a afastarem-se dela.

"Eu acho o que fez eu desistir foi mais por causa da mãe. Para ela, a gravidez foi um choque, porque com ela é tudo dentro das regras. Prá ela, tinha que andar direitinho, véu e grinalda. Então eu parei de estudar mais por pressão dela." (Clarice)

Quando ficaram grávidas, *Clarice, Beatriz, Irene e Daniela* foram pressionadas por familiares, colegas e profissionais da escola no sentido de interromperem os estudos. Esta pressão levou-as a tomarem uma decisão que conflitava com o desejo de continuar estudando, e foi vivida como "abandono da escola"; provocou, posteriormente, sentimentos de arrependimento.

Clarice avaliou que a decisão de interromper os estudos foi tomada, na época, sem muita reflexão e em decorrência da reação de "choque" manifestada por sua mãe, e a conseqüente pressão exercida por ela e pelos demais membros da família. Seu arrependimento por ter cedido às pressões familiares se tornou mais agudo devido ao fato de, posteriormente, ter casado e, portanto, no seu entender, regularizado a situação

do ponto de vista social. Este aspecto também foi enfatizado por *Beatriz* quando explicitou que a pressão familiar e social se dá na direção do casamento. A pressão social se atenua quando a adolescente se enquadra nas normas socioculturais vigentes no que tange à união com o pai da criança. Além disso, esta união pode, pelo menos virtualmente, aliviar os compromissos de manutenção assumidos pela família de origem, inclusive no que se refere à criação da criança.

Irene, que por ocasião da gravidez desenvolvia atividades num estágio remunerado, sentiu-se discriminada na escola, por ser gestante solteira; afastou-se dos estudos e, conseqüentemente, do estágio. Quando buscou um trabalho remunerado, conseguiu somente o de empregada doméstica, pouco valorizado socialmente.

Por outro lado (mesmo que de modo menos freqüente), algumas adolescentes receberam apoio de colegas da escola. *Clarice*, que havia se afastado da escola por pressão dos adultos, foi incentivada pelas colegas a retornar, com a justificativa de que gravidez na adolescência já está sendo considerada um acontecimento "normal", devido à sua freqüência nos dias de hoje.

"Da dele (primeira gravidez), eu sei porque como era colégio de 1º grau, todo mundo ficou... uma coisa chata e a psicóloga disse que se eu me sentisse melhor saindo, deixando o colégio, daí foi que eu fiz. Aí depois comecei a me arrepender." (*Beatriz*)

O depoimento de *Beatriz* — que teve dois filhos e, posteriormente, retornou aos estudos em outra escola, onde convive muito bem com as colegas — revela, com muita clareza, que os conflitos de relacionamento são provocados pela gravidez exposta de uma adolescente solteira e não pela maternidade, embora esta possa até surpreender, num primeiro momento, mas não a ponto de comprometer o convívio escolar.

O fator que parece provocar mais constrangimento em relação à adolescente grávida é a demonstração pública do corpo gravídico, pois traz consigo a comprovação do relacionamento sexual. O enfrentamento desta situação fica duplamente difícil: por um lado, porque a gestação de adolescentes solteiras transgride a moral sexual hegemônica em nosso meio; por outro, porque essas mulheres jovens têm mais dificuldades para lidar com questões de natureza sexual. A ambigüidade (talvez até a hipocrisia) dos adultos ao definirem a gravidez na adolescência como sendo objeto de suas preocupações, quando o que provoca impacto é o fato de a mulher ser solteira, apóia-se na constatação de que a gravidez é aceita com mais tranqüilidade quando a adolescente é casada. Do ponto de vista da família e da escola, portanto, o problema não é tanto a gravidez na adolescência, mas a gravidez fora do casamento. Neste sentido, Santangeli (1984) assinala que, na população norte-americana, a pressão

social decorre dos significados associados à gravidez na adolescência, e que dizem respeito ao ilegítimo, ao ilícito, à transgressão, à posição social dominada, ao fracasso da educação e da socialização. Talvez, tais significados sejam semelhantes aos que se mostram em nosso País.

Ser obrigada a afastar-se da escola penaliza duplamente as mães adolescentes. Por um lado, perdem a oportunidade de um convívio extremamente significativo com o grupo mais próximo de seus pares, o que é fundamental para construir sua identidade pessoal e coletiva. Por outro, favorece seu isolamento no mundo da domesticidade e interrompe sua formação escolar básica que poderia, pelo menos virtualmente, possibilitar a busca de uma profissão mais qualificada, no futuro. A maioria delas se afastou da escola sem qualquer qualificação profissional. Resta-lhes, portanto, na maternidade "a única coisa criativa que lhe é dado fazer". (Mills, 1988, p. 243) Na verdade, o mais importante não é o aspecto financeiro em si, do trabalho remunerado, mas a falta de papéis alternativos para muitas delas. Entretanto, este fato não afasta a idealização dessas adolescentes de se tornarem economicamente independentes ou de auxiliar com seu vencimento para o sustento da família.

As adolescentes sujeitos desta pesquisa haviam alcançado um nível de escolarização bastante satisfatório, tendo em vista a realidade educacional das classes populares: uma concluiu o 2º Grau, três estavam cursando o 2º Grau, quatro cursavam as últimas séries do 1º Grau e apenas uma ainda não completara as séries iniciais do 1º Grau, mas já havia saído da escola antes da gravidez.

A literatura internacional, especialmente norte-americana (Phipps-Yonas, 1980), indica que os melhores resultados vocacionais e educacionais estão associados àquelas adolescentes que permanecem solteiras, e os dados de nossa pesquisa mostram uma situação semelhante. Das cinco adolescentes que freqüentavam a escola quando ocorreu a gravidez, apenas duas (*Beatriz* e *Clarice*) retornaram após o nascimento da criança e o casamento. O retorno à escola se dá especialmente naqueles casos em que a mãe adolescente pode transferir o cuidado de seu filho para as avós, no turno em que elas estão estudando. Os resultados obtidos em estudos realizados em outros países, contudo, nem sempre podem ser comparados de forma direta com aqueles obtidos em nossa realidade. Nos Estados Unidos, por exemplo, a mãe solteira parece sofrer menos discriminação do que em nosso meio. Além disso, o cuidado da criança não depende unicamente do apoio da família, pois existem escolas e condições especiais para jovens mães.

No caso dos pais da criança, a relação com a escola não é a mesma. Por ocasião da gravidez, eles apresentavam idade superior à das mães, numa variabilidade de um a oito anos, sendo que em sete casos a diferença foi de três anos. Com exceção de um dos pais, que se encontrava

ainda na adolescência, os demais eram adultos. Estes já haviam saído do sistema de ensino e estavam inseridos no mercado de trabalho. Apenas o marido de *Daniela* retornou à escola depois de ser pai.

Embora com menos intensidade, a gestação na adolescência foi também vivida de forma prazerosa por razões várias. *Aline*, por exemplo, enfatizou que sua identidade pessoal dependia do fato de poder ser mãe, pois, anteriormente à concepção, tinha dúvidas e receios quanto à sua capacidade de gerar e, por isso, expressava com muita frequência o desejo de ser mãe. Pode-se, entretanto, pensar como Maldonado et al. (1990) que não se trata apenas de obter provas quanto à capacidade fisiológica, mas também — e talvez, principalmente — de testar o desempenho do papel social de gênero no que tange à reprodução da espécie.

No que se refere aos sentimentos ambivalentes, *Heloisa* expressou, por um lado, sentimentos negativos associados ao fato de a gravidez na adolescência ser indesejável pelas responsabilidades que acarreta; por outro lado, a gravidez apresentou aspectos positivos porque, como foi visto no que diz respeito à constatação da gravidez, representou um ato de rebeldia em relação à sua mãe, que exercia um controle rigoroso quanto à circulação no espaço público e ao namoro. Ela responsabiliza a mãe pela sua gravidez, atribuindo-a a dificuldades de relacionamento entre as duas e à vergonha que a mãe sentia em falar de assuntos sobre sexualidade. Nesse caso, a gravidez foi pensada como uma forma de reação e agressão à mãe.

Prazer e sofrimento da maternidade

Ser mãe para *Aline*, *Clarice*, *Fernanda* e *Gabriela* possui um significado que independe de a mulher ser adolescente ou ser adulta. Trata-se de uma vivência que não se dá de imediato mas é construída passo a passo, no correr do tempo, à medida que as dificuldades iniciais da nova experiência vão se tornando conhecidas e passíveis de serem superadas.

Como no caso da gravidez, a maternidade gerou nas adolescentes sentimentos de prazer ou de sofrimento, ou ambos.

Irene, *Aline*, *Gabriela* e *Eva* revelaram sentir-se felizes e satisfeitas com sua condição de mãe, no momento atual. *Gabriela*, por exemplo, atribui sua felicidade ao fato de estar junto da filha e do marido.

“Me sinto muito feliz com meu marido e minha filha, melhor seria impossível.” (Gabriela)

Algumas vivências da mãe adolescente parecem confirmar a afirmação de Werner-Lubich (1990) quando diz que as mulheres adolescentes, muitas vezes, possuem expectativas de vida limitadas. O padrão cultural

no qual estão inseridas define que o papel mais significativo para as mulheres é ser mãe e dona de casa. Portanto, postergar o desempenho deste papel pode não ser algo valorizado por elas.

"Eu cuido dele e da casa. Por enquanto, acho bom ficar em casa, enquanto ele é pequeno. Nunca trabalhei em nada, não posso dizer o que gostaria de fazer. Por enquanto, eu só sou dona de casa." (Aline)

De modo geral, o sofrimento se manifestou em diversas esferas da experiência vivida pelas mães adolescentes: da família, do cotidiano doméstico, das relações pessoais, do projeto de vida.

Novos papéis e responsabilidades

Fernanda, Heloisa e Clarice perceberam como geradora de sofrimento a necessidade de assumirem responsabilidades que consideram excessivas para uma adolescente. Expressaram dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de realizar as tarefas pertinentes ao papel de mãe.

"Minha vida se transformou logo que cheguei em casa do hospital. Tive que assumir muitas tarefas que me senti ainda sem condições de fazer. Quando me dei conta estava participando dum mundo com tantas responsabilidades." (Fernanda)

Para *Eva, Gabriela e Heloisa*, ser mãe foi indesejável não apenas devido às dificuldades causadas pela necessidade de assumir novas responsabilidades na esfera doméstica e familiar (entre elas, o cuidado da criança), sendo jovem e inexperiente, mas também devido a ter sido inoportuno em relação aos seus desejos e interesses naquele momento de suas vidas.

Os inconvenientes do assumir novas responsabilidades tornam-se mais agudos quando a adolescente se encontra só, sem poder contar com a ajuda de outras pessoas da família ou com o auxílio de equipamentos sociais para dividir as tarefas. Para *Gabriela*, por exemplo, as consequências de sua inexperiência tornaram-se mais intensas quando saiu da casa da sogra, onde morava.

"Foi bastante difícil no início, principalmente quando se é jovem e sem experiência. Quando se volta para casa se tem vontade de largar tudo e ao mesmo tempo se sente falta dos tempos de solteira quando não se tinha maiores responsabilidades. No início morei com minha sogra... que é muito bacana e me ajudou muito. Logo que me mudei, queimei minha filha com a mamadeira muito quente." (Gabriela)

Ao desgaste relacionado a atividades pertinentes à maternidade soma-se, portanto, aquele provocado pelo fato de ser esposa e dona de casa. Quando não conta com apoio familiar e social, a jovem pode avaliar que a

adolescência não é o momento mais adequado para ser mãe, sentir-se culpada e traumatizada a ponto de dirigir seus ressentimentos para a criança, que passa a ser vista como a causadora de seu sofrimento e que é indefesa. O sentimento de culpa pode, também, gerar a necessidade de auto-punição, e ela acaba por submeter-se à dominação do companheiro, aceitando suas condições para a vida conjugal. É o caso de *Daniela* que, ao tornar-se mãe, precisou abandonar o desejo de cursar o 2º Grau — Magistério porque o marido prefere que sua esposa permaneça em casa.

O sentimento de culpa por ter engravidado associa-se ao sentimento de culpa por não conseguir atender as exigências do papel social e cultural prescrito para a mulher na nossa sociedade, o qual lhe atribui a responsabilidade e, no caso das classes populares, a execução das tarefas domésticas. Essas adolescentes não conseguem avaliar com clareza que estão vivendo uma situação ambígua: serem jovens e precisarem assumir responsabilidades como se fossem adultas. Além disso, colocam o fato gerador de suas dificuldades apenas em si próprias, enquanto indivíduos, e não na situação na qual estão inseridas. *Eva*, por exemplo, sente-se culpada e muito ansiosa por não conseguir realizar as tarefas domésticas satisfatoriamente, o que atribui à sua lentidão e ao fato de elas serem percebidas como intermináveis.

Os sujeitos assinalaram também, com bastante intensidade, as dificuldades e a insegurança decorrentes das exigências do cuidado "correto" da criança. O temor é mais acentuado quando se trata do primeiro filho, uma vez que não se sentem familiarizadas com a prática que esta situação complexa envolve.

As adolescentes consideram que existe uma maneira correta de cuidar da criança: quem não domina este saber e esta prática mostra-se incapaz de cumprir com competência as tarefas inerentes à maternidade. Tal percepção é construída pela adolescente a partir dos modelos adultos significativos com os quais conviveu (especialmente sua própria mãe) ou dos que são expostos pelos veículos culturais, e por meio de mediação de sua subjetividade. Quando *Beatriz* se sentia insegura ou não conseguia realizar os cuidados conforme os padrões que estabelecera para si, sua mãe os realizava em seu lugar. *Beatriz* explica sua insegurança com base na concepção de que a criança é um ser frágil. No caso particular de *Gabriela*, por exemplo, esta fragilidade era afirmada pelo fato de seu bebê ter tido problemas de saúde. *Gabriela* e *Eva* acentuaram, ainda, a falta de experiência anterior no cuidado de crianças pequenas, o que provocou dificuldades na amamentação e no sono do bebê, com conseqüências adversas sobre o repouso delas próprias. Em tais situações são comuns os sintomas de ansiedade, manifestados pelas mães adolescentes como "nervosismo", agitação, choro e alterações do peso corporal. De um lado,

a jovem ainda não desempenhou, plenamente, as tarefas pertinentes à adolescência prescritas por sua classe social e gênero e já deve assumir responsabilidades e atividades próprias do adulto: de outro, a jovem incorpora as exigências culturais e sociais que são colocadas para as mulheres adultas que são mães.

Para *Aline*, os sentimentos que experimenta em relação à maternidade são ambíguos: ao mesmo tempo em que lamenta a redução de suas possibilidades de circulação no espaço público após o nascimento do filho (permanece mais tempo em casa, dedicada aos cuidados do filho, e as poucas vezes que sai do recinto doméstico destinam-se a atender necessidades relativas a tais cuidados), não gosta de deixá-lo com outras pessoas ou em creche. Justifica a atitude por considerar seu filho muito arteiro e muito ligado a ela.

Daniela e *Heloisa* enfatizaram duas mudanças que a maternidade acarretou: perda da liberdade para circular no espaço público e limitação das possibilidades de realizar o projeto profissional. Consideram que vivem um período muito difícil devido às perdas que estão sofrendo, pois sua vida não pode ser aproveitada em sua plenitude, e à irreversibilidade (pelo menos a curto prazo) da situação.

“Quando fiquei mãe, perdi minha liberdade. Antes de ser mãe eu pensava em trabalhar, me realizar.” (Daniela)

“Eu me sentia sozinha porque ele (marido) não queria que eu tivesse amiga nenhuma, ele achava que eu tinha que ficar dentro de casa, cuidando da casa.” (Heloisa)

A percepção do custo da maternidade varia entre as adolescentes tanto quanto entre mulheres adultas. Uma adolescente que acredita que seu futuro pouco lhe oferece em termos educacionais ou de trabalho remunerado pode considerar que o custo de sua maternidade é baixo. Pode, assim, sentir-se valorizada por ser mãe e por ser reconhecida como tal pelo pai da criança ou pelos seus familiares. Contrariamente, aquelas que planejam continuar sua escolarização e almejam uma carreira profissional podem perceber o custo da gravidez como sendo extremamente alto. (Moore, 1989)

Um aspecto que contribui para as dificuldades associadas à maternidade é a limitação do espaço físico residencial. Não possuir um local de moradia independente da família foi vivenciado por *Clarice* como uma dificuldade adicional. Tendo morado na casa da sogra e na de sua família, avaliou que em nenhuma das moradias a situação foi a mais adequada devido à impossibilidade de tomar suas próprias decisões. Além disso, tinha consciência de que a liberdade daqueles que moravam com ela ficava restringida, pois reconhecia que a presença de seu filho alterava a rotina dos demais. Mesmo *Beatriz*, que morava num apartamento amplo

(propriedade de sua família), pensava que sua privacidade também era prejudicada pela necessidade de dividir o espaço físico com outras pessoas de suas relações. Apesar de morar numa casa nos fundos do terreno no qual se localiza a de sua sogra, *Fernanda*, por sua vez, sentiu-se to!hida em sua liberdade por ter de solicitar a ela permissão para fazer qualquer benfeitoria em sua residência. Em contraste, *Gabriela* sentia-se feliz porque morava em sua própria casa, com pátio e árvores frutíferas, e onde desfrutava de espaço físico e de liberdade para viver sua vida com o marido e a filha.

A questão colocada pelas adolescentes diz respeito à perda da intimidade e da autonomia como mães, devido à presença constante de outras pessoas que moram junto ou próximas ao casal.

É muito difícil encontrar casais que vivam, predominantemente, em harmonia com pais e sogros; surgem, quase sempre, conflitos, discussões e brigas, principalmente quando não se está preparado para tal convívio, que se tornam mais agudos quando se fazem necessárias adaptações à vida conjugal, à maternidade e, ainda, à adolescência.

Apesar da intensidade dos aspectos negativos vividos e apresentados pelas adolescentes, aspectos positivos da maternidade também foram salientados, tais como: melhora no relacionamento interpessoal, amadurecimento, sentimento de realização.

Embora seja difícil explicar, *Aline* e *Irene* pensam que a experiência de ser mãe jovem foi positiva. *Irene* comentou que o desejo de ser mãe estava associado, de um lado, a uma atitude positiva em relação à criança e, de outro, ao desejo seu e do marido de terem um filho homem, uma vez que ela não tem irmãos.

“É maravilhosa a sensação de ser mãe, de ser chamada de mãe. Eu adoro ser mãe. Para mim ajudou muito ser mãe jovem porque eu cresci muito na minha gravidez.” (*Irene*)

Irene e *Fernanda* avaliaram que a sua experiência de maternidade foi positiva por terem se sentido responsáveis por alguém que depende delas.

A experiência da maternidade mostrou-se também positiva para *Beatriz* e *Clarice* porque amadureceram, por exemplo, ao assumirem tarefas complexas como o são as domésticas e familiares e aprenderem a cuidar de crianças. Entretanto, mesmo considerando a experiência positiva, *Beatriz* não desejaria repeti-la.

Fernanda assinalou que se tornou mulher muito rapidamente (“*tornei-me mulher, da noite para o dia*”) e, mesmo assim, conseguiu vencer etapas da vida de uma mulher consideradas, por ela, muito complexas: assumir as tarefas do lar que dizem respeito às pessoas que dependem dela (o filho e o marido). Percebe-se que *Fernanda* não possui uma visão

idealizada na maternidade, mas soube enfrentar e superar as dificuldades que vivenciou.

Para estas adolescentes, a situação de ser mãe foi uma oportunidade de crescimento como pessoa e como mulher, nos papéis de esposa e mãe.

Posição do pai da criança

Na vivência de maternidade das adolescentes há um fator importante, tanto pela presença como pela ausência, que é o pai da criança. Contudo, raros são os estudos que analisam o progenitor. (Campos e Moraes, 1986)

Barret e Robinson (1986) chamam atenção para a importância da participação do pai da criança no processo decisório da paternidade. Para muitos deles, a gravidez representa a primeira oportunidade de atuar no mundo adulto. Sendo excluídos deste processo, cresce seu senso de alienação e de incapacidade para ajudar. Apesar do estereótipo negativo de que os pais adolescentes são criaturas que desaparecem à primeira menção da gravidez, os dois pais adolescentes (19 anos) deste estudo, ao contrário, assumiram a paternidade e vivem maritalmente com as mães adolescentes de seus filhos.

Com exceção de um, os demais homens, cuja idade na ocasião em que se tornaram pais variou de 20 a 25 anos, também assumiram a paternidade, o que foi muito valorizado pelas adolescentes. Na ocasião da coleta dos dados, apenas duas não viviam maritalmente com o pai da criança; o companheiro de *Eva* nunca viveu com ela e o filho, e *Heloisa*, apesar de ter-se casado com o pai de seu filho, já estava separada.

Um aspecto salientado de forma positiva pelas adolescentes em relação ao pai da criança refere-se à sua responsabilidade pela manutenção da família. Uma das razões para tal valorização, por exemplo, foi apresentada por *Aline* e *Clarice*: não necessitarem ser sustentadas unicamente pela família de origem. *Aline*, inclusive, reconheceu que, por estar com o marido, sua experiência de ser mãe adolescente foi diferente da experiência de outra mãe adolescente: o pai da criança desta não vive junto, o que faz com que ela se defronte com maiores dificuldades para sustentar a família e cuidar de seu filho.

Por outro lado, quando a mãe adolescente não conta com esse apoio pode procurar exercer um trabalho remunerado, como *Eva* (em indústria) e *Heloisa* (em escritório), para manter a si e ao seu filho.

Por ocasião da coleta dos dados, diferentemente do que acontecia com as mães adolescentes, os pais estavam inseridos no mercado de trabalho, em atividades variadas (indústria do couro, depósito de cosmé-

ticos, gêneros alimentícios, escritório, serviço de manutenção mecânica, guindaste, banco).

A percepção das mães adolescentes reproduz, portanto, o estereótipo do papel masculino em nossa sociedade e nossa cultura, o qual prescreve para o homem a responsabilidade pela manutenção financeira da casa e da família, cabendo à mulher, se for o caso, auxiliá-lo nesta tarefa ou assumi-la na sua ausência.

A presença do pai da criança foi também valorizada no que tange à construção da vida conjunta da família. *Clarice*, por exemplo, ressaltou que a presença do marido foi importante na sua vivência da gestação (“*Ele não me abandonou nem nada, foi uma força que recebi dele*”) e da maternidade (“*Gilnei me dava uma mão*”); a maneira de educar o filho era também discutida pelo casal que, assim, conseguia agir de forma consistente.

Rede de apoio

As adolescentes, de modo geral, receberam ajuda de diferentes formas e oriunda de diversas pessoas de suas relações, o que compôs uma rede de apoio muito valorizada por elas. As modalidades de apoio dizem respeito ao enfrentamento da nova situação de vida juntamente com a filha ou o filho, ao auxílio financeiro e à guarda da criança na ausência temporária da mãe.

A ajuda dos avós foi percebida como importante pelas adolescentes, uma vez que a maioria delas (*Aline*, *Beatriz*, *Clarice*, *Daniela*, *Eva*, *Fernanda*, *Irene*) assinalou, com muita intensidade, o apoio no cuidado do bebê.

“Recebi ajuda da minha sogra, da minha cunhada e da minha mãe no cuidado do meu filho.” (*Fernanda*)

“Olha, a minha mãe foi assim uma força incrível, sabe... Ela ajudou muito financeiramente porque na época meu marido tava no quartel. Me ajudou cuidando do Marcelo. Ela também nunca foi contra nada.” (*Irene*)

Fernanda referiu apoio no cuidado do filho, recebido de várias mulheres da família. *Aline* esclareceu que o apoio paterno foi relativo à manutenção financeira, enquanto o da mãe focalizou o desempenho do papel materno. *Irene*, por sua vez, referiu o apoio que recebeu de sua mãe no cuidado do filho, não só no início, mas até hoje. Como forma de retribuição, ela auxilia sua mãe nas tarefas domésticas durante um período do dia.

Para *Eva*, o apoio que recebeu e vem recebendo do pai e da mãe foi considerado positivo e fundamental ("o que seria de mim sem eles"), pois o pai de sua filha não assumiu a paternidade. Esta situação corrobora a constatação de que o sucesso da maternidade na adolescência depende não apenas da condição física e mental da jovem, mas também do suporte psicossocial e financeiro provido pelos avós da criança. (Greathead, 1988)

Outra modalidade de ajuda bastante enfatizada pelos sujeitos foi a guarda da criança enquanto se ausentavam de casa para estudar ou trabalhar ou, ainda, quando necessitavam permanecer sozinhas em casa para desempenhar tarefas domésticas com maior tranquilidade. *Clarice*, por exemplo, apesar da falta de liberdade provocada pelo fato de morar com a família de origem, ressalta o aspecto positivo da ajuda da mãe, que toma conta de seu filho para que ela possa continuar seus estudos.

O auxílio financeiro também foi uma forma de apoio importante. Das nove adolescentes, cinco contaram com auxílio financeiro de seu pai e de sua mãe, e uma com o da mãe e do pai de seu marido.

Alguns sujeitos apontaram, também, o apoio recebido de outras pessoas da família, como irmã mais velha ou cunhada. Destaca-se, ainda, o apoio recebido da sogra, apontado por dois sujeitos. Para *Gabriela*, o auxílio da sogra foi muito intenso logo após o nascimento da filha, o que a faz considerá-la como se fosse sua mãe.

Apenas *Daniela* mencionou o auxílio temporário de uma empregada doméstica, pelo período de um mês.

Apesar da oportunidade virtual de compartilhar as experiências comuns da maternidade, os sujeitos deste estudo não puderam fazê-lo. *Clarice* lembrou que, na época do nascimento do filho, não houve troca de experiências entre ela, uma prima sua e outra do marido, que também haviam sido mães adolescentes como ela, sobre os cuidados da criança; entretanto, não explicou as razões disto. *Daniela* disse que não pode contar com a ajuda da cunhada, que é sua vizinha e também foi mãe adolescente, porque discorda de sua forma de criar e educar os filhos.

Mudanças nas relações interpessoais

Mudanças nas relações interpessoais provocadas pela maternidade foram assinaladas por todas as adolescentes, tanto no âmbito familiar como no social. As primeiras, em geral, foram avaliadas como positivas, enquanto as segundas geraram sofrimento.

"Depois que ele nasceu, muitas coisas mudaram. Ele começou a olhar mais para a casa, se dedicar. Ele era muito da rua, dos amigos. Agora ele fica conosco. As vezes fico meio assim... Se tivesse acontecido

antes, seria melhor porque seria pra mim. Fico contente que a mudança aconteceu pelo meu filho, que é a mesma coisa como se fosse para mim." (Aline)

Para *Aline*, foi positiva a transformação da conduta do marido, que passou a permanecer mais tempo em casa e a demonstrar maior preocupação com ela e com o bebê, o que atribui ao amor do marido pelo filho. Seus sentimentos, entretanto, revelam-se ambíguos, pois, ao mesmo tempo em que se considera feliz com o apoio recebido do marido no atendimento à criança, lamenta que a conduta atual do marido não tenha ocorrido anteriormente em função dela. *Irene*, por sua vez, aponta mudanças positivas na relação com seu marido decorrentes do amadurecimento psicológico de ambos, bem como do compartilhar da vida em comum (por exemplo, busca de melhoria das condições materiais de moradia). *Heloisa*, ao contrário, salientou que seus sentimentos em relação ao marido se modificaram no sentido de ela sentir solidão e revolta devido às desigualdades nos direitos de ambos. Isto se deu tanto na convivência com amigos e no lazer, como na realização das tarefas domésticas. Justificou tais sentimentos pelo fato de ter de cuidar sozinha da filha, que apresentava problemas de saúde e necessitava usar aparelho corretivo, o que a obrigava a permanecer no ambiente doméstico, realizando tarefas que ela considerava desagradáveis e muito difíceis. Esta situação repercutiu de forma significativa sobre sua saúde mental, levando-a a expressar: "*Fizeram com que me sentisse desesperada e transtornada.*"

Mudanças na interação com os membros da família de origem, particularmente o pai e a mãe, foram avaliadas como positivas por *Aline*. As mais significativas dizem respeito a seu pai, com quem se relacionava de forma distante e conflituosa, apesar de ser filha única. Atribui ao afeto de seu pai pelo neto a melhora neste relacionamento. Novamente, as mudanças percebidas ocorreram pela mediação do filho.

As mudanças nas relações interpessoais fora do lar foram avaliadas negativamente por três sujeitos. *Heloisa* considera que seu mundo de relações sociais estreitou-se ao sair da escola, pois esta representava um espaço de convivência e de troca de idéias. Atualmente, sente-se mais ignorante, porque não tem disponibilidade de tempo nem recursos para ler ou adquirir livros, está isolada no espaço doméstico e impedida de conviver com outras pessoas, além dos familiares. Na escola que frequentava por ocasião da primeira gravidez, as amigas de *Beatriz* romperam relações com ela, inclusive a amiga mais íntima.

COMENTÁRIOS FINAIS

A confirmação da gravidez significou um impacto na vida das adolescentes incluídas na pesquisa, o qual foi experienciado solitariamente e gerou sentimentos de prazer ou de sofrimento, ou ambos, devido à nova situação. O sofrimento, entretanto, mostrou significados mais variados do que o prazer. Para essas adolescentes, a gravidez foi uma experiência vivida com muita ansiedade, o que parece ser comum nas mulheres que engravidam, mas que, nesses casos, evidenciou-se de modo mais intenso.

O impacto da gravidez aparece fortemente associado ao fato de as adolescentes serem solteiras por ocasião da constatação da mesma e, conseqüentemente, sofrerem pressões e censura da família, do pai da criança, de seus pares e dos adultos da escola. Do ponto de vista da família e da escola, parece que o problema maior não é a gravidez na adolescência, mas a gravidez fora do casamento. Para nenhuma dessas adolescentes, nem de seus companheiros, a gravidez foi um ato deliberadamente planejado. Mesmo quando cogitada na fantasia, a gravidez teria por finalidade resolver dificuldades psicossociais da jovem (conflitos com a mãe e o pai, busca de atenção do companheiro, confirmação da capacidade reprodutiva) e não a maternidade em si. Em decorrência, aos conflitos típicos da adolescência se articulam os conflitos próprios da gravidez e da maternidade em uma sociedade que funciona segundo a lógica patriarcal; isto pode ser potencializado quando se trata de adolescentes de classes populares, cuja posição sócio-econômica torna mais agudas as limitações impostas ao seu desenvolvimento como cidadãs.

Para a maioria das adolescentes, os sentimentos de sofrimento foram amenizados no transcurso da gravidez. Entretanto, eles permaneceram, principalmente naqueles casos em que houve ruptura do projeto de vida que continha a idéia de maior independência e autonomia, as quais dependiam da permanência na escola e da busca de formação profissional.

Essas adolescentes haviam alcançado um nível de escolaridade bastante satisfatório que lhes permitia planejar prosseguir em sua formação para atingir qualificação profissional. Esta trajetória foi interrompida, para a maioria talvez de forma definitiva, o que coloca sérias limitações para uma inserção bem sucedida no mercado de trabalho.

A maternidade, por sua vez, provocou o surgimento de novas situações geradoras de sofrimento, envolvendo, especialmente, a necessidade de assumir novas responsabilidades domésticas, a inexperiência no cuidado com a criança e as alterações do projeto de vida, bem como a dependência financeira da família de origem. A maternidade, portanto, coloca uma contradição para a jovem: ao diminuir o tempo psicológico e

cultural da vivência da adolescência, prolonga, concomitantemente, sua situação de dependência em relação à família de origem.

Sentimentos de prazer na gravidez e na maternidade aparecem associados às transformações nas relações interpessoais com os familiares (pai, mãe, companheiro/marido), pois a presença da criança provoca aproximação maior entre eles. Este sentimento é experienciado de modo ambíguo, uma vez que a jovem se torna mais conhecida e amada pela intermediação da criança e não por si.

Outros aspectos destacados como positivos: a adolescente sentir-se responsável por alguém que depende dela e o amadurecimento psicológico que a maternidade provocou. Para essas adolescentes, o sentimento positivo da experiência da maternidade não se dá de imediato, mas é construído passo a passo, no decorrer do tempo, à medida que as dificuldades iniciais podem ser enfrentadas ao se tornarem conhecidas. Desta forma, os sentimentos prazerosos podem ser fruídos com mais intensidade. Este entendimento da experiência da maternidade parece indicar que a origem de algumas das dificuldades vividas se encontra mais em sua condição de primíparas do que de adolescentes.

Em suma, tanto a gravidez como a maternidade são vividas pelas adolescentes com sentimentos múltiplos, ambivalentes e ambíguos, de prazer e sofrimento. No caso da vivência da maternidade, revelaram-se com mais nitidez sentimentos de sofrimento que decorrem, principalmente, da situação de ruptura do projeto de vida, no sentido de que foram privadas de viver plenamente sua adolescência nas condições que sua posição de classe social e de gênero tornam possíveis, e foram empurradas, de forma abrupta, para a vida adulta das mulheres de classes populares.

Para essas adolescentes, a maternidade representa um fardo pesado, contradizendo a mitificação ideológica produzida pelas relações de gênero e classe social hegemônicas na sociedade brasileira. Em decorrência, para tentar superar as situações geradoras de sofrimento, a mãe adolescente necessita de uma rede de apoio. Esta deve incluir não apenas seu companheiro/marido, pessoas da família ou da família do pai da criança, mas, sobretudo, políticas públicas e equipamentos sociais que criem condições para que, de um lado, o cuidado e a educação da criança não signifiquem uma tarefa social assumida somente pela mãe, mas uma tarefa social coletiva, e para que, de outro lado, a vida dessa jovem não fique restrita aos limites da domesticidade, se assim o desejar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRET, Robert L., ROBINSON, Bryan E. Adolescent fathers: often forgotten parents. *Pediatric Nursing*. Pitman, v. 12, n. 4, p. 273-277, jul./aug. 1986.
- BERNARDES, Nara M.B. Análise compreensiva de base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos. *Educação*, Porto Alegre, v. 20, p. 15-40, 1991.
- CAMPOS, Maria Malta, MORAES, Maria Lygia Quartim de. Comentários finais In: BARROSO, Carmem, CAMPOS, Maria Malta, MORAES, Maria Lygia Quartim de et al. *Gravidez na adolescência*. Brasília: IPLAN, IPEA, UNICEF, 1986, p. 117-121.
- GREATHEAD, Erica. The Dilemma of the pregnant teenager. *Nursing RSA*, Kenwyn, v. 3, n. 10, p. 20-28, oct. 1988.
- MALDONADO, Maria Tereza. *Maternidade e paternidade*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MALDONADO, Maria Tereza, NAHOUM, Jean Claude, DICKSTEIN, Júlio. *Nós estamos grávidos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1990.
- MILLS, Marianne J.G. Survey of teenage attitudes to pregnancy within the Northern District of Glasgow. *Midwives Chronicle & Nursing Notes*, London, v. 101, n. 1207, p. 243-245, aug. 1988.
- MOORE, Mary Lou. Recurrente teen pregnancy: making it less desirable. *The American Journal of Maternal/Child Nursing*, n. 14, p. 104-108, March, April 1989.
- PHIPPS-YONAS, S. Teenage pregnancy and motherhood: a review of Literature. *American Journal of Orthopsychiatry*, New York, v. 50, n. 3, p. 403-431, jul. 1980.
- PINTO NETO, Arão Mendes, GABIATTI, José Roberto Erbolato, MOTTA, Magda Loureiro et al. Algumas características do aborto na adolescência. *Reprodução humana*, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 201-205, jul/ago, 1991.
- SANTANGELI, Barbara. Adolescent pregnancy. *Nurse Mirror*, Sússex, v. 158, n. 11, p. 32-34, mar. 1984.
- SANTOS, Emília da Silva, LUZ, Anna Maria Hecker, MENDES, Sandra Maria de Abreu et al. Maternidade e adolescência: Sentimentos e atitudes. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 27-45, jan 1987.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. Educação popular e processo de democratização. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *A questão política da educação popular*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 62-78.
- WERNER-LUBICH, Barbara. Risk factors associated with rural early adolescent girls' sexual activity. Presented at the Annual Meeting of the National Family Planning and Reproductive Health Association. New York, Febr. 1990.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Pregnancy and abortion in the adolescence. *Technical Report Series*, Geneva, n. 583, p. 7-27, 1975.